

Estudos da Língua(gem)

Práticas contemporâneas de intervenção com a linguagem

A linguagem atípica e o silenciamento em afasia e gagueira: *uma análise discursiva*

Atypical language and silence in aphasia and stuttering: a discursive analysis
El lenguaje atípico y el silencio en afasia y la tartamudez: un análisis discursivo

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

Claudemir dos Santos Silva

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

Érika Maria Asevedo Costa

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcante

Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP/Brasil)

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar uma discussão linguístico-discursiva a partir do estudo da afasia e da gagueira em grupos de apoio da Universidade Católica de Pernambuco, Brasil. A gagueira e a afasia são compreendidas como fenômenos da ordem do discurso, que apresentam relação direta com os interlocutores e com as condições de produção. Para tanto, a teoria base é a Análise do Discurso de linha francesa (AD). Assim, por meio das sequências discursivas, são discutidos o silêncio/silenciamento no discurso dos sujeitos com distúrbios da linguagem, afasia e gagueira, no enfrentamento daquilo que é esperado pelo meio social, ou seja, uma fluência absoluta, sem

* Sobre os autores ver página 54.

deslizes, pausas ou hesitações no processo de linguagem entre os pares discursivos.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Análise de Discurso; Afasia; Gagueira.

ABSTRACT

This paper aims to present a linguistic-discursive discussion based on the study of aphasia and stuttering in supporting groups conducted at the Catholic University of Pernambuco, Brazil. Stuttering and aphasia are understood as phenomena related to discourse, which are directly related to the interlocutors and the conditions of production. To do so, this research is based on the the French Discourse Analysis (DA). Thus, through the discursive sequences, it is considered silence/silencing in the discourse of the subjects with language disorders, aphasia and stuttering, in the confrontation of what is expected by the social environment, i.e. an absolute fluency, without slips of tongue, pauses or hesitations in the process of language between the discursive pairs.

KEYWORDS: Language; Discourse Analysis; Aphasia; Stuttering.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es presentar una discusión lingüístico-discursiva a partir del estudio de la afasia y de la tartamudez en grupos de apoyo de la Universidad Católica de Pernambuco, Brasil. La tartamudez y la afasia son comprendidas como fenómenos del orden del discurso, que presentan relación directa con los interlocutores y con las condiciones de producción. Para ello, la teoría base es el Análisis del Discurso de línea francesa (AD). En el caso de las secuencias discursivas, se discuten el silencio / silenciamento en el discurso de los sujetos con disturbios del lenguaje, afasia y tartamudez, en el enfrentamiento de lo que es esperado por el medio social, o sea, una fluidez absoluta, sin deslizamientos, pausas o vacilaciones en el proceso de lenguaje entre los pares discursivos.

PALABRAS CLAVE: Lenguaje; Análisis de Discurso; Afasia; Tartamudeo.

1 Introdução

O homem está “condenado” a significar. Com ou sem palavras, diante do mundo, há uma injunção à “interpretação”: tudo tem de fazer sentido (qualquer que ele seja). O homem está irremediavelmente constituído pela sua relação com o simbólico (ORLANDI, 2007, p. 29).

A linguagem é uma das maiores riquezas que o homem possui. Investigá-la não é tarefa fácil; por isso, é comum os debates acontecerem, especialmente no que tange à linguagem atípica, ou seja, aquela que apresenta singularidades ou diferenças. No uso atípico da linguagem, há um estranhamento do interlocutor e, conseqüentemente, uma cobrança social em

sujeitos com afasia ou gagueira, por exemplo, no sentido de que devem mostrar uma fluência absoluta, sem deslizes, pausas ou hesitações.

A linguagem tem por características a falta, a imprevisibilidade e a heterogeneidade, porém, segundo Arantes (2009, p. 2), as falas sintomáticas (que chamamos atípicas, neste artigo) “colocam em evidência a prisão do sujeito numa falta ou falha, uma *fixação*” (grifo nosso).

No âmbito discursivo, não é diferente, já que desencadeia, no discurso, o silêncio, que aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc” (ORLANDI, 2007, p. 31). Além do mais, o silêncio não é ausência de palavras, impô-lo [o silêncio] ao interlocutor não é calá-lo, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos” (ORLANDI, 1996, p. 102).

Sendo assim, a política do silêncio (ou silenciamento) significa que, ao dizer, o sujeito não diz ou diz outros sentidos. Nesse espaço discursivo, o dizer é interdito e, quando isso acontece, constituem-se discursos autoritários, em que não há reversibilidade. Indo ao encontro dessa assertiva, Azevedo (2000) assevera que é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições, que permanece estanque em um lugar, produzindo sentidos não proibidos. Caberia aqui a noção de *migração de sentidos*, “com seu efeito de movimento, de deslocamento de posição. Sempre que há censura, há migração de sentidos para outros objetos simbólicos, que significarão o que não pôde ser dito” (AZEVEDO, 2000, p. 29).

Nesse cenário, a afasia sempre foi compreendida como amalgamada a uma lesão numa relação inextrincável de causalidade lesão-sintoma. No entanto, acredita-se que a afasia é uma perturbação da linguagem, cuja tipologia, de acordo com Jakobson (1963-2010), oscila entre dois polos, a seleção, a substituição ou a faculdade de combinação e contexto. Com relação à gagueira, as discussões em torno da temática engendram polêmicas entre diferentes públicos e, ao longo da história, vêm ganhando sentido sobre a sociedade e seus respectivos contextos.

Assim, os estudos estão centrados em dois grandes grupos: os que focam no sintoma manifesto e os que veem o sujeito em sua amplitude. A discussão deste artigo está centrada no trabalho linguístico-discursivo, em que se procura estudar a afasia e a gagueira em grupos de apoio, sob essa perspectiva. Sendo assim, o referido trabalho não tratará a linguagem atípica como doença passível de cura, mas, ao contrário, de acordo com os estudos de Azevedo (2000; 2006; 2013), Petrusk (2013), Costa (2015), Silva (2016) e Cavalcanti (2016), a gagueira e a afasia são compreendidas como questões da ordem do discurso, que apresentam relação direta com os interlocutores e com as condições de produção.

Em sintonia com as questões postas até então, visando a compreender a dinâmica, a forma e o funcionamento da linguagem dos sujeitos com afasia e gagueira, a Profa. Dra. Nadia Pereira Azevedo mantém um Projeto de Extensão, Ensino e Pesquisa, buscando refletir sobre o discurso do sofrimento de sujeitos com afasia e gagueira, seu silenciamento e angústia, gerados pela necessidade de falar *versus* a dificuldade para falar, considerando-se a cobrança do seu meio social. Assim, esses grupos, denominados “Grupo de Convivência de Afásicos” (GCA) e “Grupo de

Estudos e Atendimento à Gagueira” (GEAG) recebem sujeitos da comunidade com gagueira e afasia, além de ser espaço de ensino e pesquisa para alunos da graduação em Fonoaudiologia e Letras e Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, já tendo sido publicados inúmeros trabalhos de graduação, em forma de trabalhos de conclusão de curso, e programa de iniciação científica, além de dissertações de mestrado e teses de doutorado, já defendidos e em acompanhamento.

A teoria de base do trabalho é a Análise do Discurso de linha francesa (AD), fundada por Pêcheux e desenvolvida por Orlandi e seus seguidores. Com relação à metodologia, todas as sessões, que acontecem semanalmente, em torno de duas horas cada, são videogravadas, transcritas ortograficamente e analisadas à luz da AD. Três projetos de pesquisa Universal/CNPq foram aprovados nos grupos, trazendo fomento para capitalizar os laboratórios e custeio de bolsas a alunos de Iniciação Científica. Há também interdisciplinaridade com universidades, via projetos de pesquisa, como a de *Hannover*, na Alemanha, a UFBA e a UNICAMP.

Considerando que os grupos de extensão de Afasia e Gagueira existem desde 2007 e vêm sendo um importante espaço de apoio à comunidade, ensino e pesquisa, o presente artigo pretende investigar as estratégias terapêuticas que geram efeito de fluência ou silenciamento no discurso dos sujeitos com afasia e gagueira que participam desses grupos.

2 Contextualização inicial: *breve histórico sobre o Grupo de Convivência de Afásicos (GCA) e o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG)*

Registros apontam que intervenções com grupos, segundo Machado et al (2007), começaram a ser implementadas no Brasil na década de 1980. Entretanto, tais práticas ainda consistiam em agilizar o atendimento e diminuir as listas de espera. De qualquer maneira, podemos observar na literatura fonoaudiológica, “a partir de meados de 1990, não só uma ampliação de relatos e estudos acerca de práticas grupais, como o aprofundamento teórico em torno destas”. Alguns desses trabalhos, além de propostas de terapia grupal, sugerem, especialmente no contexto da Saúde Pública, a constituição de grupos como possibilidades de intervenções preventivas e educativas, que visem à promoção da saúde e da linguagem (MACHADO et al, 2007, p. 63).

Atualmente, no Brasil, sobretudo na saúde pública, de acordo com Friedman e Passos (2007), as concepções de grupo, de coletivo, de equipe, estão na ordem do dia. Cada vez mais, constata-se a importância do trabalho grupal e se desenvolvem diferentes tipos de grupos: com crianças, pais, famílias, idosos, gêmeos, hipertensos, entre outros. É necessário, portanto, que a formação desses grupos fundamente-se em concepções que permitam a focalização pretendida e a obtenção de resultados compatíveis com objetivos previamente delineados¹, que, sem negar as próprias bases etiológicas, sintomatológicas e terapêuticas, constitua abordagens próprias para a operacionalização de grupos. Sendo assim, “o grupo ressalta o papel do outro

¹ De acordo com Friedman e Passos (2007), esta clínica é aquela que vai além da patologia para considerar o sujeito em suas manifestações de linguagem, em sua posição no mundo, em sua maneira de se relacionar com os outros.

e facilita a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pede intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças de funcionamento linguístico” (FRIEDMAN; PASSOS, 2007, p. 143).

Nesse contexto, o GCA e o GEAG são fundados no 2º semestre de 2007 tendo como objetivos principais: explorar as questões de linguagem do grupo de afásicos e do grupo de sujeitos com gagueira; proporcionar experiência profissional aos estudantes; melhorar as condições sociais da população-alvo, bem como, nível tecnológico da população-alvo; gerar indicadores para a análise de políticas públicas; incrementar a relação entre pesquisa e extensão. Diante disso, o Grupo de Convivência de Sujeitos Afásicos (GCA) se propõe a atender sujeitos em diferentes faixas etárias que tenham o diagnóstico de Afasia, a partir de causas neurológicas. Já o Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG) se propõe a atender crianças e pré-adolescentes (cuja faixa etária esteja entre 2 e 13 anos de idade), adolescentes e adultos (a partir de 14 anos), com queixa de gagueira ou, em caso de crianças, ter a queixa trazida pelo (a) responsável; identificar os riscos de evolução, evitando a cronicidade das disfluências apresentadas; proporcionar o encaminhamento necessário às crianças que já apresentem um quadro de gagueira instalada e realizar trabalhos direcionados a orientações às famílias dessas crianças e das que se encontram em uma fase de gagueira natural (compreendida como própria da aquisição de linguagem), ou àquelas que já apresentem um quadro de gagueira atípica, com sinais de sofrimento pelo problema e de observação e resistência aos momentos de bloqueio.

Nos grupos, a questão da alta está bem atrelada à abordagem proposta por Friedman e Passos (2007), que deixam claro que não cabe ao terapeuta determinar o momento da alta do participante do grupo, mas apontar a interpretação dos sinais oferecidos pelo participante, que deve falar sobre seu sofrimento e a relação que isso possa ter com sua permanência no grupo. Com isso, os sujeitos são, desde o começo do processo, convidados a assumir sua alta. Cabe-lhes, portanto, trazer para o grupo, quando for o caso, a intenção de deixar de frequentá-lo, a pretensão ou não de retornar a este e seus motivos para tal. As estudiosas ainda reafirmam que sair do grupo, em caso de pessoas que voltam, nem sempre é uma decisão de alta (FRIEDMAN; PASSOS, 2007).

Com relação às estratégias, metas e metodologia de ação e avaliação no GCA e GEAG, há dois focos principais:

A) Apoio

O funcionamento dos grupos se dá a partir do planejamento diário realizado previamente pela coordenadora do projeto, professores e alunos. Tanto no GCA como no GEAG, os sujeitos envolvidos participam das atividades de linguagem, de acordo com os objetivos planejados. Caso os objetivos não tenham sido alcançados por completo, os mesmos poderão ser retomados na dinâmica das atividades, posteriormente. Com os familiares, o aspecto principal é a escuta, que perpassa todo o processo. Além disso, podem ser realizadas palestras sobre temáticas específicas de interesse da família e que contribuam para uma melhor compreensão do quadro de Gagueira ou Afasia. Quando é necessário trabalhar outra temática que não faça parte do conhecimento específico da Fonoaudiologia ou Linguística, é solicitada a participação de um profissional convidado. Após o atendimento à família e aos

sujeitos com linguagem atípica envolvidos, a equipe executora se reúne para discussão de casos e estudos teóricos.

No espaço de apoio e atendimento, são realizadas diversas atividades, tais como: oficinas de trabalho corporal (respiração e relaxamento muscular); trabalho proprioceptivo fonêmico; auto-observação de linguagem; análise das condições de produção do discurso; análise da antecipação e interdiscursividade e encontro mensal com as famílias de crianças e adolescentes com gagueira e cuidadores de sujeitos afásicos.

B) Estudos

A produção advinda das atividades implementadas no grupo consiste em dados importantes para o desenvolvimento de pesquisas referentes ao grupo de apoio e atendimento. Por isso, é importante também a criação de um banco de dados, o que já vem sendo realizado. Dessa maneira, as atividades são adaptadas às necessidades especiais de seus participantes, funcionando também como um campo para composição de acervo de dados, uma vez que todo o processo passa por registro documental descritivo e videográfico.

Conforme se constata, os grupos oferecem aos sujeitos afásicos e gogos um espaço de convivência e inclusão social, nos quais os participantes podem enfrentar suas dificuldades linguístico-discursivas e estabelecer processos alternativos de significação, pela evocação de inúmeras práticas de linguagem, como, por exemplo, a conversa sobre fatos de sua vida cotidiana, podendo nos mostrar que seus discursos não se apagam frente aos problemas. Assim sendo, os grupos ressaltam o papel do outro e facilitam a expressão de alterações de linguagem, ao mesmo tempo em que pedem intervenção do terapeuta para proporcionar mudanças no funcionamento linguístico. Reiteramos, ainda, com Friedman e Passos (2007), que o trabalho com grupos se revela, não como um espaço de prescrições, nem como um espaço mágico que gera transformações rápidas e eficazes, mas como local de reflexões, de idas e vindas que permitem respeitar as diferenças e apoiar-se nas experiências de outros para que cada um, dentro de suas possibilidades, ressignifique a própria relação. Assim, é a partir dessas vivências que os sujeitos com afasia e gagueira significam e se ressignificam enquanto sujeitos-falantes-fluentes, primeiro para si e, conseqüentemente, para o outro ou, melhor dizendo, nos grupos de terapia, os participantes, entre um discurso e outro, entendem e fazem-se entender por seus pares discursivos durante todo o processo de linguagem.

3 Afasia e Gagueira: delineando algumas considerações sobre construtos teóricos

A linguagem é uma função cerebral, que desempenha um papel fundamental em nossa vida, pois é a principal ferramenta para interagir e formar vínculos com outras pessoas, por meio de sons, sinais, gestos ou expressões faciais. Nesse contexto, a afasia é uma alteração da linguagem expressiva ou receptiva decorrente de uma lesão cerebral. É caracterizada por redução e disfunção que se manifesta tanto no espaço expressivo quanto receptivo da linguagem oral e escrita, embora em diferentes graus em cada modalidade (MAC-KAY et al, 2003).

Roman Jakobson é o primeiro autor a estudar a Afasia sob o ponto de vista linguístico, enfocando o funcionamento da linguagem. Jakobson, na conferência sobre fala, linguagem e comunicação na Universidade da Califórnia, em *Los Angeles*, em 1963, onde oralmente apresenta seu trabalho intitulado “Tipos linguísticos da afasia”, enfatiza que a linguística não via os distúrbios de linguagem como algo a ser trabalhado em sua área. Na atualidade, é fundamental que a linguística se encarregue de analisar a afasia, atestam Flores et al (2008). Como diz Jakobson:

A participação de linguistas em tal pesquisa mostra-se importante para o estudo da afasia, por um lado, e para a linguística em geral, por outro, porque obviamente existe uma íntima inter-relação entre problemas de linguagem normal em funcionamento, linguagem em construção, por exemplo, aquisição de linguagem pelas crianças, e a desintegração da linguagem, exemplificada pelos vários tipos de distúrbios afásicos (JAKOBSON, 1963-2010, p. 307).

Ainda nas palavras de Jakobson (1963-2010):

Se a afasia afeta nossa linguagem única ou primordialmente, é a ciência da linguagem que deve oferecer a primeira tentativa de resposta conforme o tipo de afasia encontrado em qualquer que seja o caso (JAKOBSON, 1963-2010, p. 308).

[...] se a afasia é uma perturbação da linguagem, como o próprio termo sugere, segue-se daí que toda descrição e classificação das perturbações afásicas deve começar pela questão de saber quais aspectos da linguagem são prejudicados nas diferentes espécies de tal desordem (JAKOBSON, 1963-2010, p. 42).

Um estudo sobre os eixos da linguagem, abordando o estudo da afasia no aspecto linguístico, de acordo com as ideias de Jakobson, apresenta os dois eixos de linguagem: a seleção e a combinação de unidades linguísticas, que compõem um repertório lexical, que, para se tornarem uma linguagem, necessitam da competência comunicativa entre os interlocutores, como cita Jakobson (1963-2010, p. 37): “assim para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes”. Sendo assim, os distúrbios de linguagem alteram a capacidade do sujeito de realizar as operações de seleção e combinação, o que pode ser considerado de suma importância na descrição diagnóstica da afasia (JAKOBSON, 1963-2010). Logo, percebe-se que o sujeito afásico sofre uma modificação nessa capacidade, interferindo em suas atividades globais.

As discussões em torno da gagueira engendram polêmicas entre diferentes públicos e, ao longo da história, vêm ganhando sentido sobre a sociedade e seus respectivos contextos. Assim, como dissemos anteriormente, os estudos estão centrados em dois grandes grupos: os que focam no sintoma

manifesto e os que veem o sujeito em sua amplitude. Em estudos recentes, Rocha (2015, p. 11) informa que “5% da população apresenta gagueira em algum momento de suas vidas – isso representa quase dez milhões de brasileiros” (ROCHA, 2015, p. 11). Na literatura fonoaudiológica, observam-se profissionais vinculados a uma determinada “escola”, sustentando sua prática clínica a partir de um corpo de crenças comuns. Nesse sentido, segundo Oliveira e Friedman (2006, p. 01), “cada clínico que defende uma teoria sobre a gagueira revela invariavelmente o paradigma² que sustenta essa escolha, porque este lhe impõe uma moldura” (OLIVEIRA; FRIEDMAN, 2006, p. 01).

De certo, a gagueira é uma fonte geradora de muitos conflitos, que se refletem em sofrimentos pessoais dos sujeitos, até a entrada no GEAG, quando percebem que não estão sozinhos. Há, ainda, grupos que pesquisam a origem da gagueira na Neurologia e na Genética, porém esse não é o foco deste artigo. Em outra via, a partir do olhar da Psicologia Social, o problema se origina da existência, na sociedade, de uma “*ideologia do bem falar*”, o que geraria uma imagem estigmatizada de falante para quem gagueja, como as questões postas por Friedman (1986-2004; 1988-2012; 1994; 2014).

A partir dos estudos de Friedman (1986-2004; 1988-2012; 1994; 2014), as pesquisas deram um salto na elaboração de conhecimentos que discorrem em torno do viés subjetivo. A perspectiva discursiva na relação com a gagueira foi estudada por Azevedo (2000; 2006; 2013), a partir da Análise do Discurso de linha francesa, que é teoria de sustentação para analisar a gagueira e o sujeito-gago, assim como procedimento analítico que comporá a base do processo terapêutico para o trabalho com a afasia e a gagueira, conforme salientamos.

Tendo em vista as questões delineadas até então, procura-se marcar a inquietação ao se perceber que, quando se fala em Análise do discurso, há muitos outros discursos em foco. Em congressos científicos, as apresentações que trazem essa teoria como suporte ganham cada vez mais espaço. Da mesma forma, carregam perspectivas inteiramente diferentes, muitas vezes, sem uma concepção de sujeito definida e uma miscigenação de autoria indevida, o que, por si só, remete a uma inconsistência teórico-metodológica. Assim, ao se falar em Análise do discurso, é sempre necessário deixar claro de que posição se fala: se da linha francesa – e filiado a que autor(es) –, se da linha anglo-americana, ou da Pragmática, por exemplo. Por que nos interessa abordar a proposta desenvolvida pela AD? Por várias razões. Em primeiro lugar, por privilegiar a noção de discurso em contraposição ao reducionismo da noção de fala. Em segundo lugar, porque trabalha com a visão psicanalítica e ideológica do sujeito e nos interessa refletir sobre a constituição do sujeito, que acaba por se constituir como sujeito gago, ou afásico, uma vez que carrega com ele o estigma da atipia.

² Conforme Oliveira e Friedman (2006), é possível ver que é sob o efeito de dois paradigmas científicos que a clínica fonoaudiológica da gagueira se alinha, o cartesiano-positivista e o histórico-dialético.

4 O funcionamento discursivo e silenciamento em Análise do discurso de linha francesa (AD): considerações teóricas

Ao considerarmos que a língua é condição de possibilidade discursiva, o funcionamento discursivo é “a atividade estruturante de um discurso determinado, por um falante determinado, para um locutor determinado, com finalidades específicas” (ORLANDI, 2011, p. 125).

É importante ressaltar que o funcionamento não é unicamente linguístico, já que as condições de produção (situação dos protagonistas) são o conceito básico para a AD, uma vez que constituem e caracterizam o discurso, sendo seu objeto de análise. As Condições de Produção (CP) são formações imaginárias, em que se apresentam: a *relação de forças* - os lugares sociais dos interlocutores e sua posição relativa no discurso, a *relação de sentido* - o coro de vozes, a intertextualidade, a relação que existe entre um discurso e os outros, a *antecipação* - a maneira como o locutor, imaginariamente, antecipa as posições do seu interlocutor e vice-versa, ou seja, “o sujeito experimenta o lugar de seu ouvinte a partir do seu próprio lugar” (ORLANDI, 2011, p. 126-158). Assim, o sujeito falará de uma forma ou de outra, dependendo do “efeito que possa produzir em seu ouvinte” (ORLANDI, 2013, p. 39).

Em relação aos sentidos (relações do sujeito com a história) no discurso, Orlandi (1996) considera que esses são abertos e não evidentes, embora tenham a aparência de evidência, além do que são necessariamente discursivos, sempre sujeitos à interpretação. Esta, por sua vez, é “o vestígio do possível. É o lugar próprio da ideologia e é *materializada* pela história. O gesto da interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o silêncio” (ORLANDI, 1996, p. 18). O silenciamento no discurso é uma questão importante nas discussões de Orlandi (2007), que, ao tratar do tema, inicialmente afirma-nos que, se tomarmos o conceito de formações discursivas como referência, podemos dizer que a questão trabalha os limites das diferentes Formações Discursivas (FD), isto é, lida com o jogo da contradição de sentidos e da identificação do sujeito.

Sendo assim, no discurso, o silêncio aparece como “tomar a palavra, tirar a palavra, obrigar a dizer, fazer calar, silenciar, etc” (ORLANDI, 2007, p. 31). A estudiosa ainda nos esclarece que o silêncio não fala, ele significa. É, pois, inútil traduzir o silêncio em palavras, mas é possível, no entanto, compreender o sentido do silêncio por métodos de observação discursivos. O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. “Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se digam) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio(s)” (ORLANDI, 1996, p. 102).

É relevante observar que a prática da AD compreende sujeito e sentido constituindo-se ao mesmo tempo. Ambos não são transparentes e devem ser observados a partir de sua materialidade. A interpretação na AD está no lugar do efeito metafórico, enquanto deslizes de sentidos, lugar do equívoco, ressaltando-o, e visa a compreender o discurso do sujeito, destacando-o como um objeto simbólico e fonte de sentidos, determinando os gestos de

interpretação que constituem tais dizeres no processo de funcionamento discursivo.

Nesse contexto, as palavras transpiram silêncio, como nos diz Orlandi (2007), um silêncio em que os sentidos, em sua movência, em seu fluxo incessante, se mostram/escondem na iminência do dizer. Não há como definir o silêncio apenas considerando a relação sonora (falta de som), mas, sim, em relação à significação. O silêncio, então, significa em si mesmo, além de tornar possível toda a significação. Não se pode compreender o silêncio apenas tendo como base o “dito” e o “não-dito”, já que ele não precisa, necessariamente, remeter ao dito para significar, pois realmente significa por si só. O que se pode notar é que a matéria do silêncio como se conhece se difere da matéria na linguagem verbal e, se alguém coloca o silêncio apenas como referente à linguagem verbal, à falta de som, retira dele sua opacidade e espessura, características importantes para este estudo.

O silêncio é o lugar de sentidos que se fazem fora da representação da palavra, mas estão no imaginário humano, nas tramas do que o sujeito aprende e transforma em fantasia e em imaginação. Sendo assim, Orlandi (2007, p. 31) ressalta que “o silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem”. O silêncio significa e ressignifica de outras formas, pois não é transparência, ele atua na passagem entre pensamento-palavra-coisa. Nesse sentido, ao contrário do que se pode pensar, o silêncio não é ausência, mas significação, fundação. A esse silêncio pode-se chamar silêncio fundador. Mas há também outro viés do silêncio: o silenciamento. Este sublinha que o dizer do sujeito esconde sempre outros dizeres, outros sentidos. Os recortes dos dizeres e o procedimento de mostrar uma coisa e esconder outras têm uma conotação política.

Portanto, o silêncio indica que o sentido também pode ser outro e, muitas vezes, o mais importante é aquilo que não se diz (ORLANDI, 2007). A materialidade significativa do silêncio caracteriza-se como sendo diferente da materialidade significativa da linguagem e é esse o principal fator que influencia a maneira pela qual se produz sentido, além de ser este silenciamento que nos interessa discutir neste artigo: esse que faz o sujeito gago ou afásico calar, pelas condições de produção do discurso.

5 Sobre o silenciamento: o discurso dos que calam, no entanto, “o silêncio não fala, mas significa” - Analisando o discurso de sujeitos com afasia e gagueira

Como já foi dito, neste artigo, a AD está sendo utilizada como teoria e procedimento de análise, pois visa a compreender como um objeto simbólico produz sentidos. Dessa maneira, o trabalho de análise inicia-se pela configuração do *corpus*, “delineando-se seus limites, fazendo recortes, retomando-se conceitos e noções que demandam um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao *corpus* e análise. Esse procedimento dá-se ao longo de todo o trabalho” (ORLANDI, 2013, p. 66).

Para tanto, mostraremos algumas sequências discursivas das produções acadêmicas advindas do GCA e do GEAG que refletem e marcam a posição no discurso dos sujeitos analisados, compreendendo, a partir disso, a proposta teórico-metodológica da AD, bem como mais de seus conceitos teóricos

basilares. Nesse sentido, como proposta do trabalho, investigam-se as estratégias terapêuticas que geram efeito de fluência, gagueira ou silenciamento no discurso dos sujeitos com afasia e gagueira. Na transcrição, P é pesquisador e as outras letras correspondem aos sujeitos dos grupos com afasia ou gagueira, dos grupos. Os números se referem aos segmentos discursivos das seqüências.

Quadro 1: Sequência discursiva “Afasia”

Sequência Discursiva I – Afasia
<p>P-1: Vamos fazer o seguinte, cada um conta um pouquinho como foi a entrada do ano novo, o que foi que fez de diferente, se passou em casa ou com a família.</p> <p>C-1: ... ca... sa.</p> <p>P-2: Passou com a família. Como foi?</p> <p>C-2: Gordo, gordo, gordo. Calma!</p> <p>P-3: Comesse muito, não foi? E quem fez as comidas?</p> <p>C-3: OH...OH! (Levanta e puxa a bainha da camisa para trás, para mostrar o quanto a barriga está grande devido às comidas do fim de ano).</p> <p>C-4: Depois oh! (Silêncio) ... (Faz gesto de malhação).</p> <p>P-4: O que você fez mais?</p> <p>C-5: (pega uma folha de papel e tenta escrever a palavra afasia) eh tá aqui... (apontando para o papel).</p> <p>P-5: Afasia.</p> <p>C-6: É é é é é... A-FA-SAI AFA-SAI Por que afa sai? (silêncio). Depois... Depois.</p> <p>C-7: (coloca o cotovelo do braço esquerdo na mesa e abre a mão, balançando a cabeça para o lado direito e esquerdo gesticulando que não sabe). Depois... (silêncio) “não fa-la”.</p>

Fonte: Banco de dados dos autores

Após as férias de final de ano, foram retomadas as atividades do grupo. Além de todos estarem ansiosos por dividir em suas experiências de férias, os pesquisadores ainda estimularam todos do grupo a falarem de suas vivências, pois, assim, eles iriam expondo, nas suas falas e nos não ditos, valores e ideologias sobre o Natal e *Reveillon*, assim como em relação à cultura associada a essas duas manifestações culturais. Nesse contexto, apenas um integrante do grupo destaca-se por evidenciar passagem de silenciamento, tornando-se o foco desta análise.

O sujeito **C**, em análise, apresenta ótima compreensão de linguagem oral e escrita, porém fala e escreve com dificuldade. Ainda assim, acompanha muito bem tudo o que é discutido no grupo e assume o lugar de dizer, mesmo com muitas pausas e manutenção de um agramatismo (fala telegráfica, em que as palavras-chave são mantidas, em detrimento de elementos menores, de ligação, como preposições, conjunções e artigos) persistente. Daí, seu discurso ser caracterizado por expressões como “**eh tá aqui**”, apontando para o papel, com a finalidade de fazer o outro entender que ele não ocupa mais a posição de “domínio” de sua linguagem, o que, por si só, é uma ilusão, já que, de acordo com a AD (ORLANDI, 2013), no resgate da psicanálise lacaniana, o sujeito não tem total controle sobre o que diz, mas a ilusão desse controle. Esses dizeres do sujeito afásico também remetem à sua formação discursiva, ou seja, aquilo que pode e deve ser dito em um lugar social e historicamente

determinado, ocupado agora por um sujeito que, em sua perspectiva, “não fala”. Ainda assim, permanece ocupando a posição de quem pode e deve dizer. Da mesma forma, os companheiros afásicos do grupo o aceitam e se esforçam por compreendê-lo.

Percebe-se que é constante, no discurso do sujeito **C**, a pausa ou silêncio, diante da fala, na interação do seu discurso com o pesquisador, mostrando muita instabilidade no uso das palavras. Também pode significar um pedido de socorro ao seu interlocutor, quando fala “calma e silêncio” (Sujeito C2 e C6, respectivamente). No entanto, na maioria das vezes, o sujeito opta por assumir uma posição de silenciamento. Tomando a teoria da AD, o silêncio pode estar diretamente vinculado à dimensão de incompletude, em que todo dizer está relacionado ao não dizer. “Pode-se pensar o silêncio não como falta, ao contrário, pensar a linguagem como excesso” (ORLANDI, 2007, p. 33).

Nessa perspectiva, no silêncio há efeitos de sentido, pois ele significa algo a ser dito, através do não dito, conforme atesta Orlandi (2007). Nesse caso, da forma como está abordado, o silêncio não é vazio e sem sentido. Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, sair do vazio e instaurar algo a ser dito. As pausas aparecem continuamente e mostram o sintoma na/da linguagem. A falha que faz parar, que cristaliza, também insiste em significar. Assim, a partir de pausas e silêncios, o discurso de sujeitos afásicos deve ser cuidadosamente analisado para que se possa compreender como produz efeitos de sentido.

Podemos observar que o sujeito em questão escolhe (inconscientemente, já que a seleção está no eixo do que está em ausência, de outras possibilidades de dizer) uma só palavra para designar o dito. Através do que seria a única possibilidade de seleção, o sujeito em estudo, concentra todos os desdobramentos da resposta completa, a exemplo de: “**Depois, Depois**”. Aqui o sujeito expressa ao interlocutor uma interpretação na possibilidade de que “**depois**” vai falar. Neste sujeito afásico, haveria uma dificuldade de concretização do processo metonímico, isto é, um distúrbio da contiguidade, uma vez que ele não desliza metonimicamente. Por outro lado, partindo-se da proposta da AD, podemos afirmar que o sujeito não tem controle sobre o que diz e a afasia limita as condições da língua, levando-o a ocupar uma posição da “impossibilidade do dizer” ou silenciar, ao se deparar com a falha que pode não fazer sentido ao outro.

Para Orlandi (2007), o silêncio é uma posição em que o sujeito se insere no sentido. Há sentido no silêncio. A autora situa o silêncio em posição fundamental e indissociável ao discurso. Para isso, estabelece alguns pressupostos: estar em silêncio é estar no sentido; o silêncio, como a linguagem, tem um caráter de incompletude, também é o lugar do equívoco e do deslocamento de sentidos; há processos de produção de sentidos silenciados; o silêncio é o lugar da polissemia; o silêncio é o real do discurso. Dessa forma, diz-nos Orlandi (2007, p. 37): “O silêncio, mediando as relações entre linguagem, mundo e pensamento, resiste à pressão de controle exercida pela urgência da linguagem e significa de outras e muitas maneiras”.

Portanto, o sujeito em questão caminha entre o dizer e o não-dizer. Observamos, na Sequência Discursiva, II, apresentada no quadro a seguir, que ele está preso em uma formação discursiva da impossibilidade do dizer, a partir de um discurso circular, que roda e finaliza na “afasia”, que, muitas vezes, o

impede de fazer a passagem para outra formação discursiva, deixando-o apenas tocar seus limites.

Quadro 2: Sequência discursiva “Gagueira”

Sequência Discursiva II – Gagueira
<p>P.: Todos nós temos pontos de vista e é preciso se posicionar: “<i>eu concordo, ou não concordo com isso</i>”. “<i>ah, não vou falar por conta da gagueira</i>”, como é que a gente vai mostrar o ponto de vista da gente? Falando.</p> <p>A.1 – E a gente chega aqui (no grupo) muito calado, não acreditando na gente mesmo, algo que me impactou foi um, um dos alunos aqui que ele falava muito, e ele era mais disfluente do que eu,(...) não parava de falar: “Por que eu ficar calado(...)?”.</p> <p>P.: Outra coisa, se baixar à guarda, daí: “<i>tu é gago, é, sou</i>”, aí o outro vai cometendo aquele <i>bullying</i> porque se baixa à guarda. Ninguém é coitadinho! O outro vai vendo e investindo nisso (...).</p> <p>P.: Quando acontece é total falta de informação.</p> <p>A.2 – Quando as pessoas não têm esse senso de consciência, a gente precisa chamar “ele”. Mostrar seriedade e ver se ela muda de postura. (...), senão, você entra mudo e sai calado no local... Ter autoconfiança, você tem que confiar na sua fala, na sua personalidade, não se fechar, mas se abrir pro mundo.</p> <p>B.1 – Eu não falava não, minha gente é sério (...), em casa, as pessoas riam, “ah, muito engraçado e todo mundo rindo e eu chorando”. Muita gente fazia assim: “<i>oxe, para de falar (...), tu gagueja muito</i>”.</p> <p>B.2 – Eu ficava pensando: “<i>uma profissão que eu menos fale (...)</i> o que que eu vou fazer que não precise falar com o público? Mas, tudo gira em torno do público. Eu não posso ficar calada, E agora?” aí, (...) fiz a prova do vestibular pra licenciatura em Biologia, mas é pra dar aula! E agora? Eu não vou dar aula não.</p> <p>P: E cada vez que você enfrenta isso, fica mais fácil.</p>

Fonte: Banco de dados dos autores

No trabalho com Gagueira, na Sequência Discursiva II, no segmento discursivo **1**, o sujeito A relata, em seu depoimento, que o participante chega ao grupo terapêutico: “**muito calado, não acreditando na gente mesmo**”. Nesse sentido, Azevedo (2000) afirma que, quando o sujeito que gagueja não ocupa o lugar de falante, pode ter o efeito de que o outro o silencia e, dessa forma, ele se entrega e se deixa envolver pelo silêncio. Na verdade, o sujeito gostaria de dizer, mas se protege no silêncio, por representar o outro como analista de sua fala e por vergonha. Quando um sujeito que gagueja percebe que poderá/irá gaguejar em uma palavra ou fonema, ele se cala e se frustra. Há uma situação de conflito no discurso: falar ou não falar, falar ou silenciar (o sujeito é impedido por si mesmo de falar). Muitas vezes, ele já tem certeza, de antemão, da gagueira que virá, segundo nos diz, e já desiste de falar.

Ao tecer mais esclarecimentos, Azevedo (2006) caracteriza o silêncio na gagueira como um discurso da impossibilidade, o que também discutimos na sequência anterior, em Afasia: em algumas ocasiões, o sujeito prefere ficar em silêncio, por não acreditar que a sua fala ocorrerá sem gagueira. Em seus estudos, a autora afirma que esse sujeito utiliza estratégias defensivas de evitação ou adiamento da gagueira que, afinal, apenas a ratificam: substitui palavras, repete, bloqueia sons, bate o pé, a mão. São estratégias que o identificam como sujeito angustiado por ocupar a posição *sujeito que gagueja*.

Assim, ele identifica o seu ouvinte como censurador. Isso acaba se manifestando e interferindo na espontaneidade do ato de falar. Há uma ruptura no processo linguístico-discursivo que gera condições para a produção de uma fala com gagueira (AZEVEDO, 2006).

No mesmo segmento, o sujeito destaca que o que mais o impactou foi ver um dos “**alunos**” que “falava muito” e era mais gago que ele, e, com isso, começou a questionar-se: “**por que eu ficar calado?**”. Quando ingressam no grupo, os sujeitos estão plenamente identificados (inseridos) na Formação Discursiva (FD) da gagueira; com isso, preferem silenciar diante dos seus interlocutores. Possivelmente, ao comparar um dos participantes do grupo, chamando-o de “aluno”, no seu inconsciente, vê/atrela o GEAG a um espaço de sociabilidade, afeto, companheirismo entre os seus participantes, lembrando cenários escolares. *A Escola é*, sobretudo, gente, gente que estuda, se alegra, conhece e estima. O diretor, o coordenador, o professor e o aluno são gente. Nada de ilha cercada de gente por todos os lados. Nada de ser como o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. Importante na escola não é só estudar, é também criar laços de amizade, ambiente de camaradagem, é conviver, amarrar se nela (FREIRE, 2015). Ainda em A1, notamos que, quando **A** começa a interrogar-se, inicia a *contraidentificação* (questionamentos) com a FD geradora de silêncio, preconceito e sofrimento. Com isso, ocorre a *desidentificação*, negação da FD anterior e inserção em nova forma-sujeito, na FD da fluência, conseguindo, então, perceber que a fluência é relativa, não é absoluta e que a gagueira é apenas uma atipia, que todos apresentam, em maior ou menor grau.

Nas sessões do GEAG, os terapeutas propiciam reflexões, sempre é trabalhada, por exemplo, a importância de os sujeitos com gagueira não se identificarem como *coitadinhos*, quando a sociedade dissemina preconceitos e *bullying*, por meio de insultos, intimidações, apelidos cruéis, que hostilizam e ridicularizam a vida de outros, levando-os à exclusão.

Sobre a questão delineada, o sujeito **A**, no segmento discursivo **2**, destaca que, se os sujeitos não se mostrarem, falando, o processo fica mais limitado, quando afirma: “**senão, você entra mudo e sai calado no local**”, ele também enfatiza a importância de se ter autoconfiança, você tem que confiar na sua fala, na sua personalidade, “**não se fechar, mas se abrir pro mundo**”. Nessa perspectiva, às vezes, um passo muito importante na nossa vida é deixar de lado ideias antigas, que condicionam o nosso pensamento e com as quais nos acostumamos a conviver, para dar lugar a pensamentos novos, que, ao fluírem em nossa mente, mudam nosso caminho e nosso modo de nos sentirmos (FRIEDMAN, 2012).

Também participando da discussão, o sujeito **B**, no segmento 1, afirma: “**eu não falava não**”, porque o ambiente familiar favorecia para que fosse silenciado, uma vez que, ao presenciarem a gagueira, diziam: “**ah, muito engraçado e todo mundo rindo e eu chorando**”; e ainda reforçavam: “**oxe, para de falar [...], tu gagueja muito**”. Nesse contexto, Friedman (2014) afirma que a imagem negativa do falante tem sua origem numa visão de senso comum que considera a fluência como sendo absoluta, ou seja, sem lapsos, pausas ou disfluências que levam as pessoas (na família e na escola) a rejeitarem o padrão disfluente na fala do sujeito, por exemplo. Essa rejeição, frequentemente, se materializa por frases do tipo: “*calma, pense antes de falar,*

respira”, em que nada o ajudam a falar sem disfluir, mas fazem com que entenda que não falou adequadamente; que o modo como fala desagrada.

Diante disso, o sujeito que gagueja tem uma postura crítica sobre si e se obriga a ficar em silêncio. Quando isso ocorre, ser silenciado é fonte de grande angústia e sofrimento. O silêncio é utilizado como *autoproteção*. Ele preferirá o silêncio, porque, para esse sujeito, demonstrar a gagueira fará com que o outro o julgue como mau falante. Aqui temos o silenciamento, retomando Orlandi (2007), em que, ao dizer, o sujeito não diz, ou diz outros sentidos, tendo o dizer interdito.

Dentro desse contexto, mais precisamente, no segmento 2, o sujeito B expõe que sempre ficava pensando: **“uma profissão que eu menos fale [...] que não precise falar com o público”**. Diante de algumas inflexões, acaba constatando que tudo girava em torno do público, então, acaba reconhecendo: **“eu não posso ficar calada”**. Portanto, decide prestar o vestibular para uma licenciatura, mas entendia que tal posição acarretaria ser professor e, conseqüentemente, dar aula e diz: **“eu não vou dar aula não”**.

A partir dos dizeres em evidência, nota-se, de acordo com Petrusk (2013), que o sujeito que gagueja, frequentemente, ocupa uma posição que gera o efeito de silêncio. “Muitas vezes, ele coloca o outro na posição de quem o silencia, apesar de isto não estar no outro, mas nessa posição em que é mantido” (PETRUSK, 2013, p. 79). Sobre a mesma questão, Azevedo (2000; 2006) argumenta que, na ordem discursiva, há uma tensão natural entre língua e fala que é estruturante, de forma que a linguagem é a articulação de ambas. Na fala gaguejada, há uma excessiva desarmonia nessa tensão, causando estranhamento e gerando no outro o sentido de patológico. O sujeito privilegia o eixo da língua ou é silenciado pelas condições de produção.

6 Considerações finais

A linguagem significa em seu silêncio, em sua incompletude, em sua opacidade, não transparência. Nem os sujeitos, nem a linguagem, nem os discursos são completos. Os sentidos não estão apenas nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que são produzidos e não dependem solitariamente da intencionalidade dos sujeitos. Os sentidos não estão nas palavras, mas aquém e além delas. Sendo assim, é necessário que os sujeitos com afasia e gagueira valorizem cada momento, aproveitando para interagirem com os seus pares sociais ao longo das sessões de grupo. Essa estratégia do GCA e GEAG é para que todos falem e não se calem, portanto, funciona, mesmo, como uma grande dinâmica social, porque se assemelha muito ao processo natural do funcionamento discursivo.

É importante ressaltarmos que o imaginário também faz parte do funcionamento da linguagem. Com a análise, podemos atravessá-lo, sabendo que este movimenta os sujeitos em suas discursividades, descortinando a forma como os sentidos são produzidos, iluminando o que está sendo dito. Dessa maneira, os discursos são produzidos, tendo em vista condições/formações imaginárias estabelecidas pelo funcionamento discursivo, mais especificamente, dentro de uma FD. É nesse espaço que o silêncio circula, desenvolve-se e trabalha os limites das diferentes FD, isto é, lida com o jogo da contradição, os deslizamentos de sentidos e da identificação do sujeito afásico ou gago com

esta ou com aquela situação, implicando, assim, em seu falar ou tão somente, no seu calar.

Através das sequências discursivas, refletimos sobre a questão do silêncio/silenciamento no discurso dos sujeitos com distúrbios da linguagem, afasia e gagueira, apresentando uma linguagem atípica daquilo que é esperado pelo meio social que cobra uma fluência absoluta, sem deslizos, pausas ou hesitações no processo de linguagem entre os pares discursivos.

REFERÊNCIAS

ARANTES, L. **Diagnóstico e clínica de linguagem**. 2009. 182 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

AZEVEDO, N. P. S. G. **A gagueira sob a perspectiva linguístico-discursiva: um olhar sobre a terapia**. 2006. 209 f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.

_____. **Uma análise discursiva da gagueira: trajetórias de silenciamento e alienação na língua**. 2000. 138 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. **Projeto de Extensão do Grupo de Estudos e Atendimento à Gagueira (GEAG)**. Universidade Católica de Pernambuco, 2017.

_____.; FREIRE, M. R. Trajetórias de silenciamento e aprisionamento na língua: o sujeito, a gagueira e o outro. In: FRIEDMAN, S.; CUNHA, M. C. **Gagueira e subjetividade: possibilidades de tratamento**. São Paulo: Artmed, 2001.

CAVALCANTI, M. C. G. P. **O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de estudos e atendimento à gagueira infantil (GEAGi) com pais de crianças identificadas como gagas**. 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

COSTA, E. M. A. **O trabalho linguístico-discursivo em um grupo de convivência de sujeitos afásicos**. 2015. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2015.

FLORES, V. N.; SURREAUX, L. M.; KUHN, T. Z. **Introdução aos estudos de Roman Jakobson sobre afasia**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2008.

FRIEDMAN, S. **Gagueira: origem e tratamento**. 4. ed. rev. atual. São Paulo: Summus, 1986-2004.

_____. **A construção do personagem bom falante**. São Paulo: Summus, 1993-1994.

_____. **Cartas a um paciente: um processo de terapia para a gagueira**. Série distúrbios da comunicação, v. 3, São Paulo: EDUC.[1988]2012.

_____. **Fluência:** um acontecimento complexo. In: LOPES, D. M. B. LIMONGI, S. C. O. (Ed.). **Tratado de fonoaudiologia.** São Paulo: Rocca, 2014.

_____.; PASSOS, M. C. O grupo terapêutico em fonoaudiologia: uma experiência com pessoas adultas. In: SANTANA, A. P.; BERBERIAN, A. P.; GRARINNELLO, A. C.; MASSI, G. (Org.). **Abordagens grupais em fonoaudiologia:** contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007. p. 362-368.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia. In: **Linguística e Comunicação.** São Paulo, Coutrix, 1963-2010.

MACHADO, M. L. C. A. BERBERIAN, A. P. MASSI, G. A terapêutica grupal na clínica fonoaudiológica voltada à linguagem escrita. In: SANTANA, A. P. et al. (Org.). **Abordagens Grupais em Fonoaudiologia:** contextos e aplicações. São Paulo: Plexus, 2007. p. 58-79.

MAC-KAY, G. A. P. M.; ASSENCIO-FERREIRA, V. J.; FERRI-FERREIRA, T. **Afásias e Demências – Avaliação e Tratamento Fonoaudiológico.** São Paulo: Livraria Santos Editora LTDA, 2003.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso:** (Re)ler Michel Pêcheux Hoje. Campinas: Pontes, 2003

OLIVEIRA, P. S.; FRIEDMAN, S. A clínica da gagueira: diferentes paradigmas e suas consequências. In: DAVID, R. H. F.; BARBOSA, P. S. (Org.). **Cadernos da Fonoaudiologia – série linguagem,** São Paulo, v. 11, p. 2006.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento:** as formas do discurso. Campinas: Pontes, 2011.

_____. **Análise de Discurso:** princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2013.

_____. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993-2007.

_____. **Discurso e Leitura.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Interpretação –** autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. **O discurso:** estrutura ou acontecimento. Tradução Eni Orlandi, Campinas: Pontes, 1990.

_____. **Semântica e discurso:** uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi, Campinas: Editora da UNICAMP, 1975-1988.

PÊCHEUX, M. Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora da Unicamp, 1969-1997.

PETRUSK, L. S. S. **Uma análise linguístico-discursiva de sujeitos que gaguejam participantes de terapia fonoaudiológica em grupo.** 2013. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, 2013.

ROCHA, E. M. N. Informações básicas – gagueira. Disponível em: <http://www.gagueira.org.br/arquivos/Eliana_Maria_Nigro_Rocha.pdf>. Acesso em: 9 ago. 2015.

SILVA, C. S. **A mudança de posição na formação discursiva em sujeitos com gagueira:** uma análise discursiva. 2016. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem). Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2016.

Recebido em janeiro de 2019.

Aprovado em fevereiro de 2019.

Publicado em março de 2019.

SOBRE OS AUTORES

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo é doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e mestre em Fonoaudiologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professora adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco, atuando na graduação em Fonoaudiologia e como professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. Compõe o Banco Nacional de Avaliadores Institucionais e de Curso (MEC) desde 2006. É líder do grupo de pesquisa do CNPq, intitulado Ensino, Texto e Discurso. É membro do Grupo de Pesquisa Aquisição e distúrbios da linguagem.
E-mail: nadiaazevedo@gmail.com.

Claudemir dos Santos Silva é doutorando e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. É Bolsista FACEPE.
E-mail: claudemirsilva711@gmail.com

Érika Maria Asevedo Costa Moura é doutoranda e mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP/Brasil. É mestre em Psicologia da Educação pelo Instituto Superior de Línguas e Administração-ISLA/Portugal. Tem experiências na área de Letras e é integrante dos seguintes grupos de pesquisa do CNPq: 1- Ensino, Texto e Discurso; 2- Linguagem, Distúrbio e Multidisciplinaridade e 3- Grupos de Estudos Herpetológicos e Paleoherpetológicos do Nordeste. Bolsista CAPES.
E-mail: erikacostalinguagem@gmail.com

Maria do Carmo Gomes Pereira Cavalcanti é doutoranda e mestre em Ciências da Linguagem (UNICAP). Participa do Grupo de Estudos de Atendimento à Gagueira Infantil (GEAG – infantil) e ainda do Grupo de Convivência de Afásicos (CGA) na UNICAP. Realiza trabalho com famílias de crianças com queixa de gagueira. Tem experiência em Educação Infantil, Ensino Fundamental I e Educação de Jovens e Adultos.
E-mail: carmingpc@yahoo.com.br